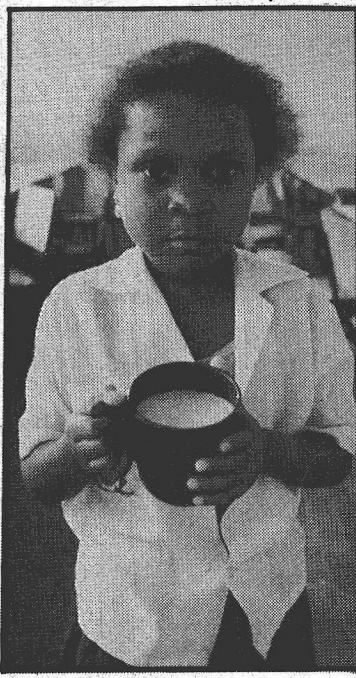


82 Na Escola Edmundo Bittencourt, em Teresópolis, alunos usam as pernas para apoiar seus cadernos



Na Bom Pastor, a merenda da menina

Descaso com os alunos começa pela falta de carteiras

Obras licitadas em agosto ainda não começaram

Sem luz, sem carteiras, sem quadra e sem merenda — mas com aulas. E não apenas em dois turnos, mas em três. Os 1.400 alunos matriculados na escola estadual Bom Pastor, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, desconhecem totalmente as medidas adotadas por Noel de Carvalho para a recuperação das escolas regulares. Dois dos quatro banheiros estão interditados; as infiltrações, que atingiram várias salas e os corredores, danificaram a fiação elétrica e as lâmpadas não acendem. Até a semana passada, o único alimento servido na merenda era leite.

O diretor da escola, João Rodrigues Miguel, não sabe por que as obras, licitadas em agosto do ano passado, ainda não foram iniciadas. Os alunos do terceiro turno (15h às 19h15m) saem da escola uma hora e meia antes, pois, sem luz natural não adianta permanecer na sala de aula. Para

atender à demanda, as turmas de 5^a à 8^a séries chegam a ter até 50 alunos. Sem pátio, nos horários vagos, turmas inteiras ficam enfileiradas do lado de fora da escola.

E ainda bem que existem horários vagos: só assim é possível fazer o rodízio de carteiras. Sem quadra de esportes, a ginástica dos alunos é carregar mesas e cadeiras pelos corredores. Há três bebedouros na escola, mas ninguém para instalar os aparelhos. Em tempo de cólera, os alunos, com as mãos em concha, continuam a beber água diretamente da torneira.

No mesmo município, no bairro Sargento Roncalli, a fatura mora ao lado da escola estadual Tenente Otávio Pinheiro. No Ciep João Saldanha, os alunos fazem algumas atividades físicas e utilizam o vídeo. A biblioteca a que têm acesso é a do Caic que fica próximo da escola.

Allan Silva de Oliveira, de 13 anos, aluno da 5^a série, sempre estudou no Otávio Pinheiro. Apesar das diferenças, não quer estudar no Ciep:

— Aqui eu aprendo. Todo mundo diz que lá (no Ciep) não se ensina nada — diz Allan.

Em Petrópolis, a eterna espera pela mobília

Nas turmas a partir da 5^a série do Primeiro Grau, em duas das maiores escolas públicas da região serrana, a conjugação do verbo sentar tem sido difícil para os alunos. Sem mesas e cadeiras, o ano letivo para os 1.200 alunos da Escola Estadual Edmundo Bittencourt, em Teresópolis, só começou na segunda-feira passada, enquanto para os demais as aulas foram iniciadas no dia 7 de fevereiro. Na Dom Pedro II, em Petrópolis, foi adotado o sistema de rodízio de turmas para driblar a falta de carteiras.

Os telegramas enviados pela Secretaria de Educação, informando que o mobiliário chegará em breve, estão afixados em locais de destaque nas escolas. Mas, à espera das carteiras, os alunos da Edmundo Bittencourt ficaram em casa 34 dias. Depois da realização de uma assembleia dos estudantes no dia 11, os alunos decidiram que deveriam iniciar o ano letivo. Utilizando as cadeiras do audi-

tório, os alunos escrevem sobre as pernas ou, ajoelhados, transformam a cadeira plástica em mesa.

Numa sala, Marco Antônio Fragoso da Silva, de 12 anos, e Bruno Manoel Shou, de 11, também da 5^a série, escrevem no parapeito da janela, no segundo andar do prédio. O professor de Matemática, indignado, lembra que um caminhão com carteiras escolares chegou à cidade há dias, mas foi direto para um Ciep que será inaugurado em abril:

— Mas lá é Ciep. Tem vídeo, antena parabólica. Aqui na rede tradicional o aluno tem cadeira diabólica.

Na Escola Dom Pedro II, em Petrópolis, que também matriculou 4 mil alunos, o sistema de rodízio de carteiras acabou por danificar o mobiliário, atualmente amontoado nos fundos da escola. Neste ano, a escola foi obrigada a adotar o rodízio: 61 turmas de 5^a série do Primeiro Grau à 3^a série do Segundo Grau não vão todos os dias à aula, nos três turnos. A cada semana, algumas turmas estudam três dias, enquanto outras estudam dois. Depois é feito o revezamento.